

A dança como processo de engajamento da audiência nos Arrastões do Pavulagem

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO
SUBÁREA: Etnomusicologia

Tainá Maria Magalhães Façanha
UEPA
magalhaesfacanha@gmail.com

Resumo: Este texto é um recorte de uma pesquisa de doutorado que teve como enfoque compreender a transmissão de saberes no Instituto Arraial do Pavulagem, em Belém-PA. Mais especificamente, neste artigo abordo as oficinas de dança promovidas pelo Instituto Arraial do Pavulagem. O objetivo principal foi refletir sobre o papel da dança como ação de engajamento do público na participação e audiência dos shows e arrastões promovidos pelo Instituto Arraial do Pavulagem no início de suas atividades artísticas. A compreensão da metodologia deste trabalho foi ao encontro do que Ingold (2016) propõem, qual seja uma pesquisa com o propósito da educação da atenção. Fundamentou-se na ideia de Cooley e Barz (2008) de que o trabalho de campo é uma metodologia de pesquisa essencialmente baseada nas ações humanas, pois são as pessoas que a pesquisa de campo agrega durante a sua empreitada. Assim, as informações aqui apresentadas foram oriundas da observação participante do contexto pesquisa, assim como de entrevistas estruturadas por meio da história oral. Fato que faz com que este artigo tenha como resultados fotografias do processo de oficinas de dança e narrativas dos colaboradores do Batalhão da Estrela. Com as reflexões aqui tecidas foi possível constatar que apesar de a dança ter surgido como ferramenta de engajamento do público, na atualidade ela se converteu em oficina que forma brincantes e promove agenciamentos sociais dentro da comunidade do Batalhão da Estrela.

Palavras-chave: Arraial do Pavulagem. Oficina de Dança. Prática musical. Belém do Pará.

Dance as a process of audience engagement in the Arrastões do Pavulagem.

Abstract. his text is an excerpt from doctoral research that focused on understanding the transmission of knowledge at the Arraial do Pavulagem Institute. More specifically, this article addresses the dance workshops promoted by the Arraial do Pavulagem Institute. The main objective was to reflect on the role of dance as an action of public engagement in the participation and audience of the shows and arrastões promoted by the Arraial do Pavulagem Institute at the beginning of its artistic activities. The understanding of the methodology of this work was in line with what Ingold (2016) proposes, which is research with the purpose of attention education. It was based on the idea of Cooley and Barz (2008) that fieldwork is a research methodology essentially based on human actions, since it is the people that field research adds during its endeavor. Thus, the information presented here came from participant observation of the research context, as well as structured interviews through oral history. This fact makes this article have as results photographs of the process of dance workshops and narratives of the collaborators of the Battalion of the Star. With the reflections made here, it was possible to verify that although dance emerged as a tool

for public engagement, today it has become a workshop that trains players and promotes social agency within the Batalhão da Estrela community.

Keywords: Arraial do Pavulagem. Dance workshop. Musical practice. Belém do Pará.

1. Introdução

A dança faz parte de muitos, ou todos, os momentos dos Arrastões: a roda no início da concentração, quando a Roda Cantada começa a tocar as músicas da concentração; no cortejo, em que a gente dança durante todo o trajeto de batalhão; e tem o encontro na frente do palco, nessa hora a dança não se limita somente ao batalhão, vem outros brincantes de fora que acompanham e o público, então todo mundo se mistura e a gente aprende a dançar na frente do palco. (Ygor da Silva, 2023)

Este texto é um recorte de uma pesquisa de doutorado que teve como enfoque compreender a transmissão de saberes no Instituto Arraial do Pavulagem. Mais especificamente, neste artigo abordo as oficinas de dança promovidas pelo Instituto Arraial do Pavulagem. O objetivo principal foi refletir sobre o papel da dança como ação de engajamento do público na participação e audiência dos shows e arrastões¹ promovidos pelo Arraial do Pavulagem no início de suas atividades artísticas.

A compreensão da metodologia deste trabalho foi ao encontro do que Ingold (2016) propõe uma pesquisa com ênfase na educação da atenção. Esta, como uma observação participante atenta ao contexto do objeto analisado, que sente e ouve, sendo a participação localizada na ação da interação por meio das quais as atividades corriqueiras da vida – nesse caso da prática musical – transcorrem. Contudo, a partir de uma postura fundamental que é fazê-las em articulação com as pessoas e os elementos corriqueiros que essas dispensam atenção. Nas palavras do autor, “praticar observação participante também é ser educado” (INGOLD, 2016, p. 407).

Assim, o trabalho desenvolvido aqui, fundamentou-se na ideia de Cooley e Barz (2008) de que o trabalho de campo é uma metodologia de pesquisa essencialmente baseada nas ações humanas, pois são as pessoas que a pesquisa de campo agrega durante a sua empreitada. Assim, nas palavras de Nettl (2008) ao prefaciá-la *Shadows in the field* “a coleta de dados etnomusicológica é essencialmente uma troca humana e a qualidade do relacionamento humano

¹ Arrastões é nome dado aos cortejos de rua que são promovidos pelo Instituto Arraial do Pavulagem. São formados por um grupo de brincantes chamado de Batalhão da Estrela.

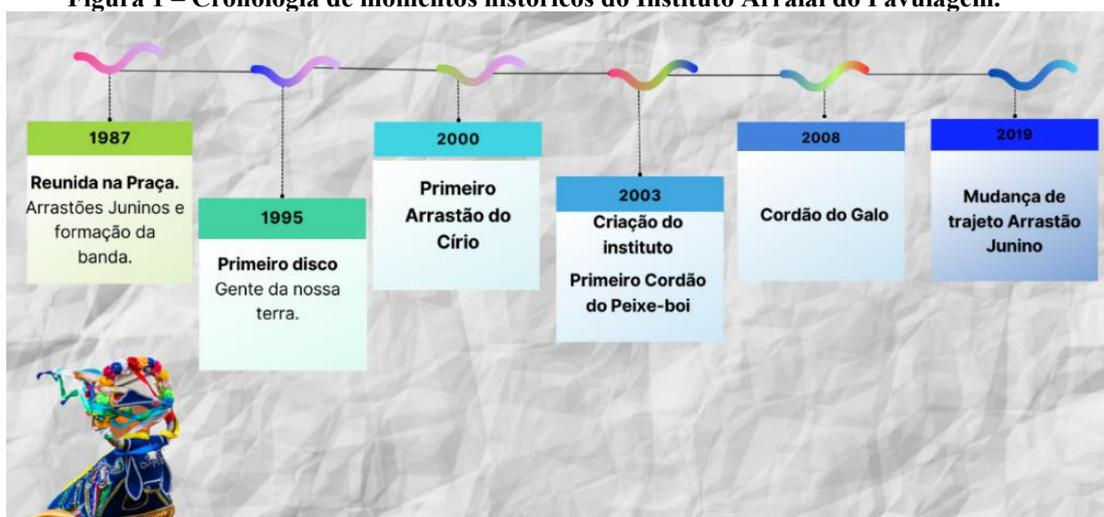
entre o pesquisador de campo e consultor, aluno e professor, está no coração da empreitada” (NETTL, 2008, p. 06 – tradução nossa)

Assim, as informações aqui apresentadas foram oriundas da observação participante do contexto da pesquisa, assim como de entrevistas estruturadas por meio da história oral. Fato que faz com que este artigo tenha como resultados fotografias do processo de oficinas de dança e narrativas dos colaboradores do Batalhão da Estrela.

Por fim, as assertivas escritas por Titon (2008) possibilitam entender o trabalho de campo como transcendendo a expectativa de observação e coleta de dados, pois se constrói por meio da experiência e do entendimento da música praticada. Assim como o autor, compreendo que o trabalho de campo proposto nesta tese se fundamenta em conhecer música a partir da experiência das pessoas fazendo música, incluindo a mim mesma. Por esse motivo, busquei o diálogo com a comunidade estudada – não apenas como colaboradores, mas, sim, como construtores da narrativa – por meio de histórias de vida, dos modos como aprendem a cultura e como esse envolvimento cultural se entrelaça com as suas vidas cotidianas. Além das histórias de vida que ajudam a contextualizar e a narrar o que é o movimento do Instituto Arraial do Pavulagem, a fotografia traz o processo de criação e transcendência da manifestação do Arrastão do Pavulagem.

2. Para contextualizar...

Figura 1 – Cronologia de momentos históricos do Instituto Arraial do Pavulagem.



Fonte: Façanha, 2023.

Em 1987, surgiu o movimento Arraial do Pavulagem, que se inicia como um movimento artístico e, posteriormente, em 2003, como um instituto que promove atividades de difusão e formação da cultura popular, tendo como instrumentos de difusão cultural uma banda e a promoção de cortejos de rua. No início do que hoje conhecemos como Arraial do Pavulagem, os músicos que compõem a banda de mesma nomenclatura se reuniram para tocarem toadas na Praça da República, para construir um movimento cultural entre amigos e poderem difundir o trabalho musical que alguns já vinham desempenhando em outros projetos que antecederam aquele momento, como a banda Porta de Casa. Tinham vontade de movimentar a cultura popular paraense, mesmo sem, naquele momento, terem muitas certezas do como fazer e o que era aquilo que estavam propondo. E nessa reflexão, pontuo a seguir a relevância do Boi-bumbá no Pará, especialmente em Belém, pois essa história remonta um passado presente nas teias da cultura paraense, visto a hierarquização institucionalizada promovida a partir dos preconceitos que circunscrevem a história, em especial na legislação, das práticas do Boi-Bumbá na cidade Belém.

Segundo Chagas Jr. (2016) a escolha do mês de junho para realização dos primeiros movimentos do Arraial do Pavulagem foi devido à grande movimentação dos Bois-bumbás, cordões de pássaros e quadrilhas na cidade. No Arraial do Pavulagem há um discurso de resistência cultural pautado na valorização e difusão das tradições culturais da Amazônia brasileira, principalmente no Estado do Pará, demarcando um contexto cultural importante na cidade de Belém, principalmente por esse estandarte de preservação cultural ser um dos ideais mais proclamados por seus fundadores, como demonstrados em entrevistas e pesquisas realizadas (MORAES, 2012; CHAGAS Jr., 2016; 2017; SANTOS. 2017).

É interessante perceber que a gênese do Arraial do Pavulagem se deu a partir da ânsia de músicos que não tinham seus trabalhos divulgados nas rádios da cidade e, tampouco, tinham acesso aos teatros. Motivo que Edgar Chagas e demais membros do grupo atribuem à pouca receptividade desses espaços a culturas advindas de movimentos populares e tradicionais do estado.

Outro motivo importante manifestado pelos integrantes do movimento, é a vontade de estar na rua construindo um coletivo artístico, que com o passar do tempo foi se consolidando por meio de processos criativos em artes, tanto com as composições musicais da banda quanto com as práticas laboratoriais de experimentação sonora. Haja visto que foi justamente nessas Experimentações laboratoriais que se chegou ao resultado sonoro que hoje caracteriza o

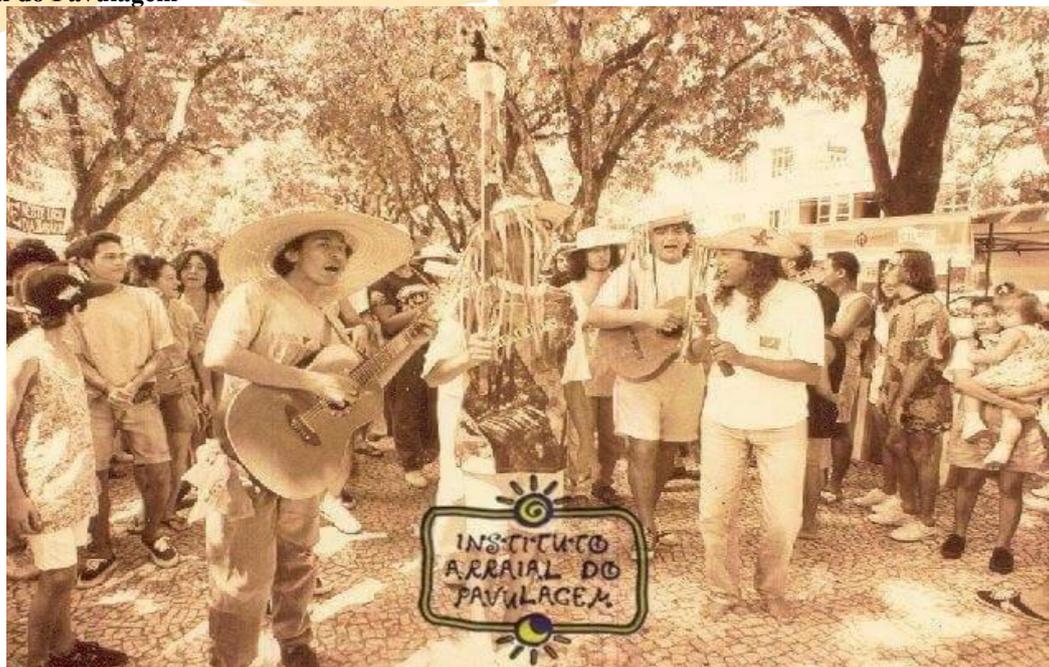
Batalhão da Estrela. Esse laboratório de criação foi uma engrenagem inicial na carreira dos próprios músicos. Como destaca Ronaldo Silva, fundador do movimento, nesse início: “a gente saía para tocar na roda de boi para fazer esse Laboratório.” Além disso, Junior Soares, o outro membro fundador do Arraial do Pavulagem, diz que:

A gente teve e tem um laboratório disso tudo que criamos que sempre foi a banda Arraial do Pavulagem, fazíamos esses testes das sonoridades na banda, nós tínhamos bons percussionistas trabalhando conosco, como o Manari, o Nazareno silva, o Edgar Chagas e muitos outros que passaram pela banda. Mais recentemente, quando o Rafa chegou ele pegou uma herança dessas coisas. A gente fazia essas experiências como misturar o ritmo do marabaixo² com a música do marabaixo com a música do Boi, com o reggae e a gente testava na banda do Arraial do Pavulagem. Da mesma forma que uma composição. (Junior Soares, 2023)

Em seu início, esse Boi-bumbá era representado numa pequena alegoria alocada em um cabo de vassoura. O Cortejo do Boi seguia na praça ao som de toadas de boi-bumbá percutidas pelo Boi Malhadinho e entoadas pelo grupo musical com seus familiares e pessoas amigas. Tudo começou com a vontade colocar um boi na rua, com um boizinho na tala! Esse boizinho, muitas vezes é retratado como o início de tudo. De maneira engraçada a imagem tão singela do começo é presente na memória dos que ali estiveram desde os primeiros anos desses mais de 36 anos de história.

² Marabaixo é “O Marabaixo é uma forma de expressão elaborada pelas comunidades negras do estado do Amapá, manifestada especialmente por meio da dança e das cantigas denominadas ladrão, espécie de poesia oral musicada a partir dos toques das caixas, instrumentos de percussão produzidos pelos próprios tocadores.” (IPHAN, 2018, p. 6)

Figura 2 - Primeiros cortejos realizados na Praça da República. Fonte: Facebook do Instituto Arraial do Pavulagem



Fonte: Arraial do Pavulagem. S/D.

Figura 3 - Primeiros cortejos realizados na Praça da República.



Fonte: Arraial do Pavulagem. S/D.

Após esse início, o Movimento Arraial do Pavulagem começou a tomar proporções maiores. Assim, o primeiro ponto para compreender como se deu a estruturação do que hoje conhecemos como as oficinas de música do Arraial do Pavulagem consiste em compreender o próprio processo de formação artística e experimental dos cortejos de rua promovido pela então Banda Arraial do Pavulagem do Teu Coração. A partir do que denomino de pedagogia da formação de brincantes, se deu a constituição do Batalhão da Estrela e nas experimentações artísticas, fundantes desse movimento, se entrelaçam a cultura popular do estado como o “molde” sonoro do Batalhão da Estrela, do processo de construção das oficinas e da sonoridade dos Arrastões.

2. A Inclusão da Dança aos Arrastões

A oficina de dança foi a terceira oficina implementada ao processo de construção dos Arrastões do Pavulagem e, assim como a oficina de canto, teve como principal objetivo o engajamento das pessoas nos shows da banda Arraial do Pavulagem e no Arrastão. Logo no início das atividades, não existiam esses passos que hoje são bem conhecidos durante os arrastões. Assim, a ideia do grupo era agregar o máximo de pessoas possíveis à brincadeira, porque a intenção era formar uma plateia que vivenciasse a cultura popular e valorizasse esses saberes nesse cenário urbano. Essas danças foram acrescentadas aos poucos no processo, pois

[...] a dança faz uma interação com quem está no palco, quando está na rua tocando e as pessoas que estão interagindo com a brincadeira, as pessoas estão interagindo através da dança principalmente, acho que dessa forma a gente trouxe um elemento que pertença e isso fez crescer muito o movimento do Arraial do Pavulagem. O Max foi o revolucionário da dança, porque ele trouxe essa base coreográfica para dentro da brincadeira na época, ele é uma pessoa muito importante nesse processo. (Junior Soares, 2023)

O processo do movimento Arraial do Pavulagem passou por muitos momentos significativos ao longo de sua história, mas sem dúvidas um dos principais para compreensão do porquê há um engajamento tão grande do público e uma aceitação tão grande de brincantes diz ao fato das pessoas se sentirem parte daquilo como artista, elas constroem e performam. Assistir ao show da banda Arraial do Pavulagem, talvez não seja a melhor forma de definir a experiência da audiência, pois esse público faz parte fundamental da própria performance na hora dos shows da banda. Elas fazem o show e não apenas assistem.

No início da década de 2000, se eu não me engano em 2003, teve uma inquietação principalmente do Ronaldo e do Walter Figueiredo de transformar esse movimento, que na minha tese eu traduzo como descer do palco ou inversão de plateia ou inversão de espectador. Que consiste em perceber que o Pavulagem sempre esteve no palco e as pessoas assistindo, mas nesse momento que a gente tocava no anfiteatro da Praça da República, as pessoas começaram a dançar na festa, até que surgiu uma pessoa que começou a fazer as coreografias. (Entrevista-Edgar Chagas Jr., 2023)

Esse descer do palco (CHAGAS JR., 2016) é a principal engrenagem para existência desse movimento. Assim como é característica de muitas práticas culturais que vem da cultura popular e no caso do Pavulagem, vem a partir dessa construção conjunta, mas, especialmente, da dança que foi inserida pelo oficinairo Max Nascimento logo nos anos iniciais da manifestação. A construção dessa vivência formativa em cultura popular, passou por pesquisas e criação coreográfica por parte do instrutor na época, esse modelo continua até hoje. Edgar relembra que:

o Max e as pessoas começaram a fazer essa coreografia junto e depois disso nunca mais acabou. Esse fato foi tema inclusive de profundo debate na época, existe uma ala dentro da banda que achavam que era legal ter essas danças porque arregimentava o público, ou seja, as pessoas vinham por causa da dança. Mas uma outra ala da banda, na qual me incluo tinha um certo receio, porque a gente estava fugindo dessas uniformizações e a gente fazia a mesma coisa. Mas, na verdade, o Max iria trazer os passos do interior e realmente teve uma concordância. O Max foi estudar no interior e ele entrou na banda. Aquilo funcionou tanto que para onde a gente levava ele, fazia dança e não demorava muito todo mundo estava dançando igual. Hoje, nem precisa nem está tocando uma música do Pavulagem, mas se estiver tocando uma música de reggae-boi em qualquer lugar, as pessoas fazem aqueles passos. Então vira o que a gente conhece como iconização, um emblema e uma marca. O Pavulagem começa a construir marcas, o chapéu de fita passa a virar uma referência, se alguém vir um chapéu de fita em Belém, inevitavelmente, a pessoa associa ao Pavulagem. Virou uma marca da cidade, construída ao longo de mais de 30 anos.

Esse instrutor durante esse período inicial fez parte da banda e ficou até meados dos anos de 2013 conduzindo as oficinas de dança. Nos passos executados no Boi-bumbá, é possível perceber uma forte influência dos folguedos de Bumba-meu-boi maranhense, assim como de muitos outros folguedos em que há o movimento do corpo coreografado. Assim como na música, na dança ocorre essa hibridação que demarca o que é ser Arraial do Pavulagem. A partir de muitas influências, essa corporeidade dos arrastões foi sendo desenvolvida. Em entrevista para a pesquisa da tese de Edgar Chagas Jr, em 2015, Max conta que:

[...] eu dava as oficinas de dança pra aprender. Quando me mandavam pra Bragança eu ia uma semana antes pra fazer pesquisas e depois eu ia começar a perceber os outros ritmos, por exemplo, aqui a gente não tinha a mazurca e eu comecei a ver como colocar a mazurca dentro do contexto musical do Pavulagem, porque ela é dançada toda em círculo, aí eu mantive a mesma forma deixando os passos básicos, mas não deu pra manter o círculo. Até mesmo a inserção do boi, e eu tive que estudar os elementos dentro do boi-bumbá que diferenciava de Parintins que era febre na época: tinha o vaqueiro, os índios, os matutos, eu tinha que associar os elementos que estavam dentro do boi-bumbá, aí eu fui estudando um por um, esse estudo se deu 5 anos depois que eu já estava dentro da banda.

Nas fotografias a seguir, Max ensina os primeiros passos em uma oficina em 2012, durante o Cordão de Peixe-boi. Em comparação com o número de pessoas que participa atualmente das oficinas, esse grupo é bem pequeno.

Figura 4 – Oficina de Dança.



Fonte: Arraial do Pavulagem. S/D.

3. A oficina de dança

Figura 5 – Oficina de Dança em 2023 – Passos do Boi-Bumbá



Fonte: Façanha, 2023.

As oficinas de dança são organizadas a partir do ensino de três ritmos: carimbó, quadrilha e boi-bumbá. O carimbó e quadrilhas, são ensinados a partir dos passos tradicionais das danças. No carimbó a prioridade é para ensinar o movimento dos pés no plano circular, o movimento dos quadris e dos braços que dão o efeito visual da dança, mas também na interação com o olhar. E nas quadrilhas, há o ensino dos passos básicos do balancê, serrote e túnel que são viáveis de serem executado nas fileiras em que é organizado o núcleo da dança nos cortejos. Sobre esse processo, o instrutor da dança Ygor Silva nos conta que:

a instrução dos passos do carimbó é mais livre. No caso desse ritmo, tem a questão dos planos: baixo, médio e alto. No plano baixo, tem toda aquela questão de ser uma dança circular. Tem que ter cuidado em como está dançando aquela dança circular, dança-se no sentido anti-horário, ou seja, tem que ter esse cuidado de sempre dançar no sentido anti-horário. No carimbó tem sempre o olhar, o jogo de quadril, da cintura para baixo, é uma coisa mais alegre, mais seduzente. Já na quadrilha, é um pouco mais livre.

Mas, ela segue o roteiro de passos tradicionais, a nossa quadrilha do batalhão não é diferente da quadrilha que se dança nas quadrilhas tradicionais de concurso. Então, a gente faz uma adaptação, porque como o corpo de pessoas tem um formato diferente de uma quadrilha tradicional a gente faz umas adaptações para que seja possível fazer uma quadrilha bacana. A gente divide a dança em oito filas para ficar um número par e ser possível dançar a quadrilha. Usamos os passos do túnel, da maresia, do balancê. (Entrevista-Ygor da Silva, 2023)

Tal fato é reforçado por um dos colegas do Batalhão da Estrela:

Todas essas instruções têm sempre as sinalizações. Tem uma regência uma regência da dança. A gente vai fazer um passo, joga a mão e o pessoal segue junto com a gente. Por exemplo, nas toadas de boi tem uma coreografia pré-definida para cada música. No carimbó e na quadrilha não, são passos aleatórios voltados ao carimbó de rua, geralmente o pessoal dança entre si ou se mistura com o pessoal da percussão e vai dançando carimbó lá no meio do Batalhão. Já na quadrilha, é engraçado porque tem uma coreografia que não é fechada: a gente para e fica dando dois passos para cada lado e fazendo passos de quadrilha. Mas os passos não são fechados como no boi, é uma dança livre. Por exemplo, as pessoas que estão na primeira fila da dança, geralmente são 6, combinam de fazer um passo e o pessoal que está atrás vai seguir esses passos. Eu, geralmente, faço base da quadrilha e do carimbó para quem não sabe os passos, mas o que vai puxando na hora é a energia daquele momento. (Entrevista-André Ferreira, 2022)

Já no ritmo do Boi-bumbá, há uma complexidade maior no processo de transmissão, pois existe uma estruturação de mais passos e uma regência para que as pessoas dançam de maneira síncrona:

O Boi-bumbá tem uma sequência de passos específicas para cada música, por exemplo: meia lua, lateral [foto 04] e dois para frente vai ser uma combinação específica para uma música. No caso da música Boi da Lua [foto 01], a gente faz espaços e insere nessa música os passos que funcionam na dança do Boi-Bumbá. A meia lua tem uma variação: meia lua que é mais maleável e uma meia lua que é mais acelerada. Por isso, que a gente diz que varia muito o espaço dentro do Boi Bumbá, dependendo da música, quando mais acelerada usamos a meia lua com variação mais acelerada e nas outras mais lentas, usa a meia lua mais maleável, com mais calma. A meia lua tem dois passos para frente, nós damos a sinalização com número 2, nós trabalhamos com sinalizações. Algumas dessas sinalizações são indicando os passos para frente ou para trás. É um pouco trabalhoso ensinar os passos do Boi, por isso a gente passou a usar uma semana de oficinas apenas para o Boi- Bumbá. (Entrevista-André Ferreira, 2022)

A dança no processo dos cortejos faz parte do todo, como o instrutor Ygor nos conta na epígrafe que precede esse subtítulo, faz parte do momento dos ensaios do canto na roda cantada,

no próprio cortejo, na frente do palco. Mas ressalto a dança como um dos processos pedagógicos fundamentais para o aprendizado, não apenas dos passos na oficina de dança, como nas oficinas de percussão onde não apenas as mãos que tocam o instrumento, mas o corpo todo. É muito comum ver os instrutores da percussão ensinando a entender o ritmo no corpo. Ainda, na perna-de-pau, como veremos na próxima sessão foi incluída agora para construção da performance dos pernas-de-pau. A dança nos cortejos leva parte da visualidade com os adereços, enquanto no núcleo de pernaltas é possível ver a projeção mais elevada no cortejo, na dança se constrói o movimento. O grupo da dança tem um grupo de faixa-etária bem variada, porém é o que mais há a presença de pessoas idosas, especialmente mulheres. É interessante visualizar o cuidado, engajamento e empoderamento desse trabalho com o corpo durante a preparação para os arrastões. Esse fato é mencionado por Ygor:

A dança é para todos, na dança tem senhoras idosas, tem crianças, tem meninos, tem pessoas com síndrome de down e uma variedade de pessoas de diversas origens. A gente sempre diz na oficina: “não tenham vergonha do corpo de vocês, todo mundo pode dançar, não tenham vergonha, se joguem! Não olhem para quem está do lado, faz de conta que vocês estão na casa de vocês e que não tem ninguém, vocês estão livres e dançando!” Isso é um estímulo que facilita para que as pessoas se soltarem, porque quando a gente está com vergonha a gente não consegue soltar o nosso corpo para dançar. Por isso, a gente tem uma acolhida de abraçar todo mundo, porque ali ninguém não é melhor que ninguém. (Entrevista-Ygor da Silva, 2023)

Considerações Finais

Com as reflexões aqui tecidas foi possível constatar que apesar de a dança ter surgido como ferramenta de engajamento do público, na atualidade ela se converteu em oficina que forma brincantes e promove agenciamentos sociais dentro da comunidade do Batalhão da Estrela. Além disso, que a pesquisa da corporeidade das danças oriundas das práticas musicais nortistas se mescla com aspectos dos contextos dos bois maranhenses, trazendo uma hibridação (CANCLINI, 1997) culturais de várias práticas culturais.

Por fim, a dança como forma de engajamento da audiência possibilitou, também, uma consciência corporal que traz marcas e identidades das culturas afro-brasileira e indígenas na Amazônia. Sendo hoje uma marca característica do movimento Arraial do Pavulagem, o pavular dos corpos dançantes é uma poética própria, mas se soma a uma poética maior que pode ser definida como uma estética pavuleira.

Referências

- CANCLINI, Néstor García. 1997. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP.
- CHADA, Sonia. *A prática musical no culto ao caboclo nos candomblés baianos*. In III Simpósio Internacional de Cognição e Artes Musicais, 2007, Salvador. Anais... Salvador: EDUFBA, 2007, p. 137-144.
- CHAGAS JUNIOR, E. M. *Pelas ruas de Belém: produção de sentido e dinâmica cultural nos Arrastões do Pavulagem em Belém do Pará*. Tese de Doutorado em programa de pós-graduação em ciências sociais, UFPA, Belém, 2016.
- COOLEY, Timothy J. Casting shadows in the field: an introduction. In: BARZ, Gregory F.; COOLEY, Timothy J. *Shadows in the field: new perspectives for fieldwork in ethnomusicology*. Nova York: Oxford University Pres, 1997.
- INGOLD, Tim. *Chega de etnografia! A educação da atenção como propósito da antropologia*. Educação. Porto Alegre [online]. 2016, vol.39, n.3, pp.404-411.
- IPHAN, Dossiê de Registro Marabaixo. Brasília/DF, 2018
- MORAES, M. J. P. C. *Arraial do Pavulagem: a moderna tradição de uma prática musical*. Tese de Doutorado. (Doutorado em Etnomusicologia) Universidade Federal da Bahia, UFBA, 2012.
- NETTL, B. *Preface*. In: BARZ, Gregory F.; COOLEY, Timothy J. *Shadows in the field: new perspectives for fieldwork in ethnomusicology*. Nova York: Oxford University Pres, 1997.
- SANTOS, Gianne Regina Conceição dos. “#SouPavulagem”: a relação entre o Arraial do Pavulagem (Belém-PA), tradição e representação social na internet / Gianne Regina Conceição dos Santos. – 89 f. Dissertação (mestrado) – Escola de Ciências Sociais da Fundação Getulio Vargas, Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais. 2017